

ELIANA DE ALBUQUERQUE LIMA

REVISTA O CRUZEIRO: uma fonte de informação histórica

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa

Fortaleza
2007.2

ELIANA DE ALBUQUERQUE LIMA

REVISTA O CRUZEIRO: uma fonte de informação histórica

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

_____ Nota: _____
Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa (Orientador)

_____ Nota: _____
Prof.^a Ms. Rute Bastista de Pontes

_____ Nota: _____
Prof. Ms. Heliomar Cavati Sobrinho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram durante este trabalho, especialmente a minha mãe, a professora Espirita dos Santos, a professora Cibara Diniz, a professora Mariana que sempre esteve à disposição de todas as dúvidas, a todos os amigos de dentro e de fora da UFPA, especialmente a professora Fátima pela sua orientação.

A Deus, caminho, verdade e vida.

A meus pais, responsáveis por minha permanência na universidade.

A meus amigos espirituais que me conduziram às pessoas certas para a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração desta monografia e, de modo especial, as minhas amigas Cícera Daniele e Tália Medina que sempre estiveram ao meu lado durante os quatro anos de faculdade, a todo o corpo de docentes do Curso de Biblioteconomia. E ao professor Tadeu Feitosa pela segura orientação.

LIVROS DE QUERO E ILUSTRAÇÕES

- Capítulo 1. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 1
- Figura 1. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 2
- Figura 2. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 3
- Figura 3. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 4
- Figura 4. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 5
- Figura 5. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 6
- Figura 6. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 7
- Figura 7. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 8
- Figura 8. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 9
- Figura 9. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 10
- Figura 10. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 11
- Figura 11. Livro de Quero e Ilustrações (1948) 12

Os livros ensinam, mas só o esforço próprio aperfeiçoa a alma para a grande e abençoada compreensão.

Emmanuel (Chico Xavier)

LISTA DE QUADRO E ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Classificação de Fontes de acordo com Grogan	23
Figura 1. Capa de um exemplar de O Cruzeiro da década de 1950	14
Figura 2. Primeiro exemplar de O Cruzeiro lançado em 10 de novembro de 1928	28
Figura 3. Exemplar da década de 1960	40
Figura 4. Exemplar da década de 1940	41
Figura 5. Primeiro exemplar da década de 1920	42
Figura 6. Exemplar da década de 1940	42
Figura 7. Leite de Rosas	43
Figura 8. Capa de uma das primeiras edições de O Cruzeiro	44
Figura 9. Charges do Amigo da Onça e do Pif-Paf	45
Figura 10. Exemplar da década de 1970	47
Figura 11. Chateaubriand com Getúlio Vargas	48

RESUMO

Apresenta abordagem qualitativo-descritiva das informações contidas nas reportagens da revista O Cruzeiro, levando em consideração as variáveis históricas, com atenção especial aos acontecimentos políticos observados através das informações pautadas nos exemplares da década de 1960. O estudo objetiva analisar as informações contidas na revista supracitada que podem ser caracterizadas como testemunho de seu tempo. Apresenta síntese da história da imprensa escrita no Brasil no século XX, suas transformações e principais jornais e revistas e, exposição de conceitos sobre informação, conhecimento, fonte de informação e fontes históricas. Analisa as informações jornalísticas de O Cruzeiro na década de 60, dando ênfase ao ano de 1964, período em que o Brasil passava por grande crise no cenário político, como a Revolução de Abril e a Ditadura Militar. E também outros exemplares que marcaram as transformações da revista. A revista é examinada como fonte de informação histórica. A análise das informações sobre esse dois episódios de nossa história política supracitados, contidas nos exemplares de O Cruzeiro, evidenciou o seu caráter de testemunho da história, apresentando-se como uma fonte de informação riquíssima para pesquisa em diversas áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Informação; Fonte de Informação; Imprensa no Brasil do século XX; Revista O Cruzeiro; Magazine Literário.

ABSTRACT

It present qualitative-descriptive approach of the information contained in the reports of the magazine O Cruzeiro, taking in consideration the historical variables, with special attention to the political events observed through the ruled information in the copies of the decade of 1960. The study aims at to analyze the information contained in the above-mentioned magazine that can be characterized as testimony of your time. It present synthesis of the history of the press written in Brazil in the century XX, your transformations and main newspapers and magazines and, exhibition of concepts on information, knowledge, source of information and historical sources. It analyzes the journalistic information of O Cruzeiro in the decade of 60, giving emphasis to the year of 1964, period in that Brazil went by great crisis in the political scenery, as the Revolution of April and the Military Dictatorship. It is also other copies that marked the transformations of the magazine. The magazine is examined as source of historical information. Analyze it of the information on that two episodes of our above-mentioned political history, contained in the copies of O Cruzeiro, it evidenced your character of testimony of the history, coming as a source of rich information for research in several areas of the knowledge.

Key word: Information; Source of Information; It presses in Brazil of the century XX; Magazine O Cruzeiro; Literary magazine.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADRO E ILUSTRAÇÕES -----	06
INTRODUÇÃO -----	10
CAPÍTULO I	
1 O QUE É INFORMAÇÃO? -----	14
1.1 Informação e Conhecimento -----	15
1.2 O que são Fontes de Informação? -----	18
1.3 Os Tipos de Fontes de Informação -----	20
1.4 Fontes Históricas -----	22
CAPÍTULO II	
2 A IMPRENSA NO BRASIL DO SÉCULO XX -----	27
2.1 As Transformações da Imprensa no Brasil -----	29
2.2 Magazine Literário -----	35
CAPÍTULO III	
3 A REVISTA O CRUZEIRO COMO TESTEMUNHA DO SEU TEMPO -----	38
3.1 O Estilo Inovador de O Cruzeiro -----	41
3.2 Reestruturação da Revista O Cruzeiro -----	43
3.3 Decadência da Revista O Cruzeiro -----	47
3.4 O Cruzeiro: uma Fonte de Informação Histórica -----	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	54
REFERÊNCIAS -----	55

INTRODUÇÃO

Organizar e classificar os documentos aumenta suas possibilidades de utilização, mas, não constituem informação por si mesma, “como tampouco é informação a representação simbólica do texto por meio da referência bibliográfica, resumo e indexação ou mesmo sua incorporação integral em um sistema de recuperação automatizado”. (MACHADO, 2003, p.20) O conteúdo dos documentos é registrado e as inscrições podem ser transferidas, neste caso, a informação, é uma condição inseparável da fonte que a gera. A fonte gera informação para ser comunicada a um destino em particular, sendo valorizada e utilizada à medida que satisfaça as necessidades de cada pessoa.

Como informação consiste em signos que nos mostra algo novo que até então nos era desconhecidos, podemos afirmar que tudo é fonte de informação, pois, essa é produzida e transmitida em tudo que se encontra dentro de um contexto na qual fazemos parte. Esses canais de informação são divididos de acordo com sua tipologia, sendo classificados como fontes orais, visuais, audiovisuais, imagética e escritas.

As fontes históricas comportam todas as tipologias de fontes, pelo fato de ser um documento histórico, testemunha de seu tempo que dependendo da forma que é transmitida requer maneiras diferentes de compreensão, pois, estudar o passado é buscar por informações que cheguem perto da verdade, ou seja, próximo da veracidade dos fatos.

Uma das funções das revistas comerciais é serem vendidas, por este motivo seu conteúdo informacional é marcado pela história, mas, não por reproduzir idéias revolucionárias, mas por atuarem ao lado de instituições que se ligam ao poder existente, seu discurso convive e se relaciona com vários outros, influenciando e sendo influenciado por eles. Em suma, é capaz de formar gostos, opiniões, padrões de consumo e de conduta.

A revista O Cruzeiro se apresenta como uma fonte de informação riquíssima para pesquisa em diversas áreas como moda, comportamento, produtos de beleza e higiene comercializados na época e cultura. A diversidade de informação que se encontra tanto nos textos como nas imagens, constante nesse periódico propicia o acesso à vivência histórica de

um determinado período. Neste contexto, a proposta dessa pesquisa é analisar o conteúdo informacional da revista, supracitada, que foi fundada em 1928, tornando-se umas das mais importantes publicações de revistas ilustradas da imprensa escrita brasileira do século XX.

Os exemplares escolhidos para análise foram os pertencentes à década de 1960, por ser um período em que o Brasil passa por algumas mudanças em seu quadro político-social como a inauguração da cidade de Brasília, nova capital do país, por Juscelino Kubitschek. Jânio Quadros sucede Juscelino e renuncia cerca de sete meses depois, sendo substituído pelo então vice-presidente João Goulart. Sob o receio de ser considerado comunista, ocorre o golpe militar de 1964, que depôs Goulart e institui uma ditadura militar. No final da década, tem início o período conhecido como "milagre econômico". Em 1969, integrantes da ALN e do MR-8 seqüestram o embaixador norte-americano Charles Elbrick, exigindo como resgate a libertação de 15 prisioneiros políticos. Após isso, diplomatas da Alemanha e do Japão também são seqüestrados no Brasil.

O enfoque do trabalho é analisar a revista *O Cruzeiro* como fonte de informação histórica. É perceber como esta que fez parte e esteve presente em grandes acontecimentos de nossa história, em destaque o ano de 1964, quando ocorreu a Revolução de Abril que foi o marco inicial da Ditadura Militar no Brasil, pode ser utilizada como canal de informação do seu tempo.

Esta pesquisa se apresenta com caráter qualitativo-descritivo, uma vez que analisa e interpreta o conteúdo e as informações contidas nas reportagens da revista *O Cruzeiro*, levando em consideração as variáveis históricas, com atenção especial aos acontecimentos políticos observados através das informações pautadas nos exemplares da revista. Isso se deve principalmente ao fato de que a abordagem qualitativa possui a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema.

O método de pesquisa utilizado foi a exploratória e bibliográfica, já que o material em análise se constitui de livros, artigos científicos e exemplares da revista que correspondem ao período entre 60 a 69, dando ênfase ao estudo dos pertencentes ao ano de 1964. Através da interpretação de textos ligados ao tema, fora feita uma divisão de conceitos para melhor entender o propósito supracitado desse estudo. Sendo desenvolvida a partir do levantamento bibliográfico de textos sobre informação, fonte de informação, a imprensa escrita brasileira no

século XX e da história da revista O Cruzeiro. Tais itens representaram parâmetros para análise dos assuntos que determinaram a qualidade das fontes de informação avaliada.

Quando da aplicação do instrumento, todos os itens foram coletadas, no entanto, no momento da análise dos resultados verificou-se que o entendimento de alguns parâmetros não foi coincidente, motivo pelo qual para cada assunto foram selecionados alguns itens entendidos como prioritários, essenciais e determinantes na configuração dos objetivos voltados para a qualidade da análise e da interpretação dos exemplares escolhidos. De posse dos documentos que serviram de fontes para compreender o objeto de estudo deste trabalho, fora feito uma análise minuciosa de seu conteúdo para que o essencial fosse reconhecido e selecionado em torno da idéia principal do trabalho.

Como fora dito anteriormente, a pesquisa se dará por meio da análise e da interpretação de textos escritos e das imagens que ilustram o conteúdo literário da revista O Cruzeiro, para tanto optei por narrar minhas descobertas por partes. No primeiro momento, fora feito um comentário sobre o que venha a ser informação e as fontes de informação; em um segundo momento, um pouco da história da imprensa no Brasil do século XX; e no terceiro capítulo fora contado a trajetória da revista e as conclusões da análise e da interpretação do conteúdo informacional da revista no que se refere ao contexto histórico político.

A informação nos ajuda a compreender a nossa realidade, dar-nos discernimento para analisarmos o contexto social na qual estamos inseridos. As fontes filtram essas informações, facilitando sua transmissão que dependendo da confiabilidade, com maior qualidade e quantidade. Essa confiabilidade deve ser bem mais acentuada nas fontes históricas, pois, estas descrevem fatos e acontecimento que fizeram parte da vida de um povo ou alguém que podem ser prejudicados com a transmissão de falsa verdade.

O QUE É INFORMAÇÃO?

CAPÍTULO I

Informação poderíamos conceituá-la como representação, a construção de uma ideia que é adquirida e passada adiante como conhecimento. É algo invariável, manipulável, pois, quase sempre sofre influência

O QUE É INFORMAÇÃO?

com o objetivo de interpretar, autorizando o comportamento dos leitores da informação de acordo com interesses de alguns



Fig. 1 – Capa de um exemplar de O Cruzeiro de 1950. Fonte: Disponível no site www.traca.com.br.

Informar e comunicar são palavras que a priori parecem possuir significados iguais, mas, segundo Rodrigues são distintas.

1 O QUE É INFORMAÇÃO?

Informação poderíamos conceituá-la como representação, a construção de uma idéia que é adquirida e passada adiante como conhecimento. É algo mutável, manipulável, pois, quase sempre sofre influência por parte de quem a emite com o objetivo de interferir, padronizando o comportamento dos leitores da informação de acordo com interesses de alguns. O homem busca por informação pelo simples prazer de saber.

Le Coadic conceitua informação como um conhecimento inscrito sobre a forma escrita, oral ou audiovisual. Ressaltando que

A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação. (LE COADIC, 1996, p.5)

De acordo com Machado (2003, p.20) há dois tipos distintos de informação, a subjetiva e a objetiva, “ambas as concepções encontram-se vinculadas em processo de comunicação entre uma mente e outra, diferindo-se no modo de manifestação”. Sendo a primeira “gerada na mente do receptor tornando-se difícil sua observação ou mesmo sua mediação” e, a segunda suscetível de armazenamento e de comunicação “constituindo uma entidade física externa a qual se faz autônoma e escapa ao controle ou à influência de quem a tenha gerado”.

A informação registrada, a objetiva, independente do suporte, encontra-se disponível para acesso, ao passo que a subjetiva é processada, organizada e compreendida na mente e não se encontra disponível para acesso. Esta é a interpretação, o conhecimento que cada indivíduo constrói a partir da informação adquirida.

Informar e comunicar são palavras que a priori parecem possuir significados iguais, mas, segundo Rodrigues são distintas,

A informação é uma função que consiste na transmissão de saberes entre pessoas ou comunidades que são supostas ignorá-las, ao passo que a comunicação consiste na partilha de saberes comuns, a sua função consiste na criação, na manutenção e no restabelecimento de relações sociais, com vista à constituição de vínculos entre membros de uma comunidade ou uma sociedade. (RODRIGUES, 1999, p.35)

A comunicação envolve o significado ou a interpretação das mensagens que dependerá da dimensão semântica do código ao qual está referido. As mensagens só adquirem sentido quando rebatidas a códigos e a atualização destes dá-se através das mensagens.

A mensagem é transmitida ao leitor por intermédio do livro, através de ondas luminosas. Sua vista é o decodificador: recebe a mensagem, decodifica-a, torna a traduzi-la em impulso nervoso, que envia ao sistema nervoso central do leitor é o receptor. À medida que lê, você vai reagindo ao livro. (BERLO, 1979, p.41)

Com relação à informação objetiva, Machado (2003, p.25) diz que os profissionais da informação estudam os documentos em um contexto bem definido, tanto em relação ao suporte que o sustenta quanto em relação à instituição que o abriga. “O suporte físico é certamente tangível e possível de manipulação em seu conteúdo. Há ainda o espaço físico, no qual os documentos agregam-se logicamente em coleções”.

A análise etimológica da palavra informação mostra que sua origem vem do latim, derivada da palavra “informare” que significa dar forma, construir uma idéia ou opinião que no uso comum é usado como sinônimo de mensagens, notícias e fatos que são absorvidos e transmitidos adiante como conhecimento. (MACHADO, 20003, p.15) A informação é entendida como a origem do ato de conhecer, é a base que sustenta o processo de transformação que leva a um novo estado de conhecimento.

1.1 Informação e Conhecimento

Para estudar qualquer suporte físico como fonte de informação é importante definir conceitos que fazem parte deste processo que compreende a significação de informação e conhecimento. A informação tem sido à base da Sociedade do Conhecimento que vem modificando o comportamento humano de forma a tomar decisões mais inteligentes. Matos

(apud SILVA, 2006) “conclui que o valor da informação está em sua utilidade ou no benefício que oferece e por isso ela se torna valiosa na sociedade atual”. A qualidade da informação está na forma como esta é relacionada e compreendida para se adaptar a um propósito estabelecido, com o intuito de mostrar o melhor caminho para a tomada de decisões.

O conhecimento é a modificação que a informação provoca em quem a recebe. É a percepção de algo que nos permite pertencer a um contexto, podendo ser transmitido através de uma linguagem efetiva entre emissor e receptor. Já a informação consiste em mensagens que recebemos do mundo, fazendo com que sejamos percebidos nele. É o significado de uma afirmação válida referente a um objeto sobre o qual o receptor tem uma compreensão prévia, ou seja, que lhe faz sentido. Essas informações que nos chegam das percepções originais pode permanecer conosco por anos como uma forma de conhecimento tácito, talvez para ser utilizado quando menos esperamos. (MCGARRY, p.27)

Para Hoffmann a informação pode ser encontrada em três estados de fácil percepção:

A informação assimilada dá-se na mente, na qual é processada, organizada e compreendida; informação documental apresenta-se em forma de registros físicos, tal é o caso das publicações em papel, fitas, discos e qualquer outro suporte material; e informação transmitida consiste na comunicação da informação nas diversas formas possíveis. (HOFFMANN APUD MACHADO, 2003, p.19)

No âmbito da Biblioteconomia e na Ciência da Informação, Kando (apud MACHADO, 2003, p.19-20) identificar três grupos diferentes de tipos de informação: a objetiva que consiste no conteúdo dos documentos; a subjetiva, “representada pela imagem-estrutura do receptor e suas permutas”; e a informação como processo, referindo-se a maneira peculiar “diante do qual o sujeito se informa”.

Marcial (apud MACHADO, 2003, p.21) entende informação como sendo “a significação que adquirirem os dados como resultado de um processo consciente e intencional de adequação de três elementos: dados do meio ambiente, propósitos e contexto de aplicação, e estrutura de conhecimento do sujeito”.

Barreto (apud MONTEIRO, 2006, p.54) compreende conhecimento como o conjunto de informações, que este se efetiva, existindo somente na mente do sujeito “cognoscente”. “Uma vez tratadas as informações, estas se transformam em estoques, passíveis de acesso pela sociedade.”

Gilberto Teixeira¹, em seu texto escrito na internet intitulado “Tipos de Conhecimentos” ressalta que “conhecer é incorporar um conceito novo, ou original, sobre um fato ou fenômeno qualquer.” O conhecimento não nasce do vazio e sim das experiências que acumulamos em nossa vida cotidiana, através de vivências, dos relacionamentos interpessoais, das leituras de livros e artigos diversos. Para ele existem tipos diferentes de conhecimento que classifica como:

Empírico, obtido ao acaso, adquirido através de ações não planejadas; filosófico, fruto do raciocínio e da reflexão humana que busca dar sentido aos fenômenos gerais do universo, ultrapassando os limites formais da ciência; teológico revelado pela crença religiosa que depende da formação moral e das crenças de cada indivíduo; e o científico, conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. Sua origem está nos procedimentos de verificação baseados na metodologia científica.

Lévy aponta não conceitos sobre informação e conhecimento, mas, as diferenças entre esses dois termos. Para ele

Quando alguém utiliza uma informação, interpretando-a, ligando-a as outras informações para fazer sentido ou tomar alguma decisão, atualiza-a. Já o conhecimento é fruto de uma aprendizagem, ou seja, o resultado de uma virtualização da experiência, que por sua vez, pode ser aplicado em outras situações atualizando-se. (LÉVY APUD MONTEIRO, 2006, p.52)

Em sua definição classifica, a informação é um conjunto de dados organizados de forma compreensível registrado em papel ou em outro meio suscetível de ser comunicado. Já o conhecimento é a soma de informações que recebemos do meio externo com as informações interiores de cada sujeito.

Le Coadic em sua pesquisa “Weblog como fonte de informação para jornalistas”

¹ Professor Doutor da FEA/USP.

Esclarece que o estado de conhecimento de cada um está relacionado com a imagem que se tem do mundo e não é produto da atividade cognitiva de um sujeito isolado. O conhecimento se dá quando percebemos uma anomalia e tentamos obter uma informação que corrija esta deficiência, processo que resulta em um novo estado de conhecimento. (LE COADIC APUD SILVA, 2006)

Para Silva (2006), “a relação entre o conhecimento e a informação é interativa, pois, envolve estruturas cognitivas capazes de assimilar a informação e de situá-las num contexto mais amplo, permitindo outras ações que podem ser empreendidas a partir dela”. Logo, o conhecimento não é transmitido, mas sim as informações que são transformadas em conhecimento de acordo com a capacidade do receptor.

Sales e Almeida (2007, p.72) comentam que “todo conhecimento advém de uma fonte de informação.” Que um novo conhecimento para ser criado, faz-se necessário que este esteja fundamentado por outro pré-existente e devidamente comunicado em alguma fonte de informação, “seja ela oral, escrita ou audiovisual. A criação de novos conhecimentos está diretamente ligada a fontes de informação”.

1.2 O que são Fontes de Informação?

“A informação enquanto fonte de conhecimento e de saber tem papel fundamental na construção e modificação de uma cultura”. De acordo com Silva em seu trabalho “Informação e Formação da Identidade Cultural: o acesso à informação na literatura de cordel” (2006), a informação permite ao indivíduo construir seus saberes no que se refere a sua realidade. Elas vão se somando, permitindo a elaboração de um sistema de valores que contribuem para a formação do conhecimento. Sendo assim, “uma nova informação pode modificar uma pré-existente, ratificá-la ou complementá-la”.

Fonte de informação é um suporte físico, impresso ou eletrônico, oral (memória), visual ou audiovisual em que as mensagens são organizadas, armazenadas e transmitidas a um receptor, com o intuito de lhe proporcionar uma acessibilidade à informação que atenda suas necessidades.

Cunha (apud SILVA, 2006) decidiu limitar fonte de informação em formais e semiformais, analisando sempre “aquelas que confirmem qualquer conhecimento e que permita ser incluídas numa determinada compilação bibliográfica”. Ressalta também que as informais são importantes, citando o contato pessoal, cartas, comunicações orais e mensagens eletrônicas.

Como conceito de Fontes de Informação podemos dizer que estas funciona como canal de transmissão de uma intenção, idéia ou um objetivo para o codificador que o traduz e expressa a finalidade num código e produz a mensagem. Em se tratando da comunicação da informação a taxinomia biblioteconômica reconhecem na transmissão da mensagem os canais informais e os formais.

Mueller (2000, p.30) comenta que os canais informais apresentam uma série de características comuns: é o próprio pesquisador que o escolhe; a informação veiculada é recente e destina-se a públicos restritos e, por este motivo seu acesso é limitado. E que os formais também apresentam características semelhantes: permitem o acesso amplo de maneira que as informações são facilmente coletadas e armazenadas; é o destinatário da mensagem que o escolhe e consulta. Enquanto os canais informais permitem um bom nível de interação com o pesquisador, os canais formais tradicionais geralmente não supõem essa possibilidade.

Sainero (apud MORIGI e BONOTTO) afirmam que fontes de informação são todos os materiais ou produtos, originais ou elaborados que trazem notícias ou testemunhos, através dos quais se acessa o conhecimento. É onde se encontram todos aqueles elementos que submetidos à interpretação, podem transmitir conhecimento, tais como um hieróglifo, uma cerâmica, um quadro, uma partitura musical, uma fotografia, um discurso, uma tese doutoral e outros. Quase tudo pode constituir-se em fonte de informação, dependendo da natureza da necessidade informacional que se apresente.

Para Morigi e Bonotto, além das fontes bibliográficas, também as organizações e as pessoas podem prover informação. As organizações podem fornecer informações sobre sua história, sua missão ou trabalho que desenvolvem. Da mesma forma as pessoas podem ser

fontes de informação tanto sobre si mesmas como sobre seu campo de trabalho ou pesquisa, sobre fatos que testemunharam ou fizeram acontecer. Podendo ser consideradas memórias vivas de fatos ou épocas.

As fontes são divididas em três categorias que incluem os documentos primários, secundários e terciários. Silva explica que as fontes primárias são desorganizadas e dispersas em relação a sua produção, divulgação e controle. Embora tenham importância, algumas dessas fontes são difíceis de serem utilizadas, fato que gerou o aparecimento das fontes secundárias. Estas têm a função de facilitar o uso do conhecimento disperso nas primárias. As terciárias têm a função de guiar o usuário da informação para as fontes primárias e secundárias como bibliografias e periódicos de indexação.

1.3 Os Tipos de Fontes de Informação.

As fontes de informação divisam os documentos primários (periódicos, livros, teses), secundários (dicionários, enciclopédias, almanaques) e terciários (índices, abstracts, catálogos), sendo todas classificadas de acordo com seus conteúdos e propósitos.

As fontes primárias registram informações que estão sendo lançadas, no momento de sua publicação, correspondem à literatura primária (material original) que se apresentam e são disseminadas exatamente na forma como são produzidas por seus autores. Portanto, neste grupo inclui novas informações, novas interpretações de idéias ou fatos acontecidos, como relatórios de expedição científica ou literatura comercial. De acordo com Silva (2006), “nesta categoria estão os congressos e conferências, a legislação, nomes e marcas comerciais, normas técnicas, patentes, periódicos, projetos e pesquisas em andamento, relatórios técnicos, teses, dissertações e traduções”.

As fontes secundárias surgem com a função de facilitar o uso do conhecimento disperso nas fontes primárias, apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, dependendo de sua finalidade. Em suma, esta categoria abrange o material que contém informação sobre documentos primários, são os organizadores que guiam o pesquisador para os documentos primários. Para Silva (2006), os documentos

secundários são formados pelas bases de dados e bancos de dados, bibliografias e índices, biografias, catálogos de bibliotecas, centros de pesquisa e laboratórios, dicionários e enciclopédias, feiras e exposições, filmes e vídeos, fontes históricas, livros, manuais, internet, museus, arquivos, coleções, prêmios, honrarias, redação técnica, metodologia científica, siglas, abreviaturas, tabelas, unidades, medidas e estatísticas.

As fontes terciárias são as mais difíceis de definir e raramente encontra-se a distinção entre fontes secundárias e terciárias. De acordo com Guinchat e Menou (1994, p.362), os documentos que pertencem a esta categoria formalizam o resultado de diversas operações como a reunião de informações fornecidas por várias fontes, a análise, a avaliação, a consolidação e a extração de dados. Podendo ser criadas para responder a uma questão particular em forma de notas de síntese, de resenhas e de estados-da-arte, ou sob forma de resenhas anuais, tendo a vantagem de condensar as informações disponíveis sobre o assunto e de fornecer ao mesmo tempo uma informação de qualidade.

Segundo Silva (2006), as fontes terciárias têm a função principal de ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, funcionando como indicadores ou sinalizadores de localização destes documentos.

Quadro 1. Classificação de Fontes de acordo com Grogan.

FONTES DOCUMENTAIS			FONTES NÃO DOCUMENTAIS	
Primárias	Secundárias	Terciárias	Formal	Informal
Revistas	Jornais	Diretórios	Departamentos do Governo Central e Local	Discussões: Colegas, Visitas, etc.
Relatórios de Pesquisa	Serviços de Índices e Resumos	Bibliografias	Organizações de Pesquisa	Conversas de Corredores de Conferências, Congressos, etc.
Anais de Conferência		Guias de Literatura	Sociedades: Profissional e Educacional	Conversas Casuais
Relatórios de Expedição Científica	Livros de referências: Enciclopédias, Dicionários, Manuais, Tabelas e Formulários.	Lista de Pesquisas em andamento	Indústria: Pública e Privada	Ligações Telefônicas

Publicações Oficiais	Tratados	Guias de Bibliotecas e Fontes de Informação	Universidades	Cartas
Patentes	Monografias	Guias de Organização	Consultores	
Normas	Livros Textos			
Literatura Comercial				
Teses, Dissertações				

Fonte: ALMEIDA, 2000.

Morigi e Bonotto (2004) comentam em sua pesquisa que no ambiente acadêmico ainda existe certa restrição em relação ao uso de fontes, uma vez que a comunidade científica estabeleceu os cânones que devem fazer parte do discurso científico. Continuando a ser as fontes mais utilizadas e reconhecidas as bibliográficas convencionais, como livros, periódicos, monografias, dissertações, teses, índices e periódicos de resumos, nos últimos anos, também disponibilizados em formato eletrônico.

Embora as definições sejam convergentes, a classificação dos documentos nas diferentes categorias nem sempre é coincidente, o que se explica pela abordagem mais científica ou mais documental, dependendo da visão de conteúdo, ou de propósito ou função, conforme ressaltado inicialmente.

1.4 Fontes Históricas

Antes de falarmos das fontes históricas, devemos responder brevemente o que é História? Compreendemos história como o estudo da ação humana, ao longo do tempo, através, paralelamente, da análise dos fatos e dos eventos ocorridos no passado. “O estudo histórico começa quando os homens encontram os elementos de sua existência nas realizações de seus antepassados.” História é a ciência que estuda a vida humana através do tempo, analisando o que os homens fizeram, pensaram ou sentiram enquanto seres sociais. Não se passa pela vida sem deixar marcas. Um objeto, uma obra, um desenho, uma canção, uma carta, uma hipótese formulada são traços da passagem do homem. Todo e qualquer vestígio do passado, de qualquer natureza, define o documento histórico.

O estudo do passado **não pode ser feito** diretamente, mas de forma mediada por meio dos vestígios da atividade **humana, a que é dado o nome de fontes históricas**. “Fonte histórica é a denominação de todo artefato, escrito ou não, que preserve, de alguma forma, a história de uma época, de uma civilização ou de qualquer objeto de estudo, é ela que nos ajuda a tentar explicar o passado.” (ACCIOLY, 2007) Também se utilizam termos como documentos, testemunhos, vestígios ou monumentos. As fontes podem ser classificadas segundo vários pontos de vista, como exemplo as fontes materiais, as escritas, as iconográficas e as orais.

Para Alves e Silva (p.2) fontes históricas são quaisquer objetos de “conhecimento fixado materialmente que elucide, instrua, prove ou comprove cientificamente algum fato ou acontecimento”. Ressaltam que as fontes históricas vão “desde escritos de todos os tipos até documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas etc.”.

Kossoy na elaboração de sua pesquisa sobre a fotografia como fonte de informação, caracteriza as fontes documentais nas seguintes classes:

Fontes escritas, que dizem respeito aos documentos escritos e abrangem as informações transmitidas sob a forma original, manuscrita e sob a forma de reprodução ou impressa; fontes iconográficas que abrangem a documentação visual, imagens, desenhos e fotografias; fontes orais que se constituem em depoimentos e entrevistas de pessoas que trazem pistas para esclarecer dúvidas relativas a outros documentos ou para acrescentar maiores informações sobre um determinado objeto de estudo; e fontes-objetos que abrangem todos os vestígios materiais que sobreviveram a ação do tempo, a exemplo de monumentos arquitetônicos de toda natureza, as ossadas humanas e de animais, vestuários, moedas, armas, as produções de arte etc. (KOSSOY APUD ALVES; SILVA, p.2)

As fontes materiais constituem os vestígios materiais da atividade humana e que incluem as fontes arqueológicas em geral, os instrumentos de trabalho, os monumentos, as moedas, entre muitas outras. Algumas ciências auxiliares da história são dedicadas a este tipo de fontes, como a Arqueologia, a Numismática e a Sigilografia. As fontes escritas são geralmente as de utilização mais geral e se diferenciam entre si pelo suporte e técnica utilizadas na escrita. Das fontes escritas se ocupam ciências como a Paleografia, a Filologia, a Papirologia e a Diplomática. As fontes orais incluem toda a informação e tradição que é conservada na memória dos indivíduos e transmitida oralmente de uns para outros. Estas fontes são particularmente importantes no estudo da história dos povos primitivos.

Os historiadores usam várias fontes de informação para construir a sucessão de eventos históricos, como escritos, gravações, entrevistas e achados arqueológicos. Algumas abordagens são mais frequentes em certos períodos do que em outros e o estudo da História também acaba apresentando costumes e modismos.²

Através das fontes materiais, fósseis, cerâmicas, monumentos, instrumentos e armas feitas de pedras ou madeira, artefatos de metal, podemos compreender as crenças, a economia e as alterações ocorridas nas relações socioculturais do homem pré-histórico. As transformações que o levo a criar novos meios de sobrevivência, como também ao surgimento de novas crenças e culturas.

As fontes escritas constituem-se de textos literários, jornalísticos, narrativas que contam fatos, acontecimentos que, direta ou indiretamente, contribuíram para as transformações sociais. Retratam momentos de alegre, tristeza, revoluções culturais e sociais através de textos que foram escritos em plena sintonia com o contexto ambiental de sua época.

As fontes orais consistem na memória de cada indivíduo, são as lembranças de vivências de uma sociedade, de uma cultura, um período político que retratam a realidade de uma época.

As iconográficas são as que representam imagens (uma gravura, uma fotografia, um filme) que registra momentos e ações do homem por meio de signos visuais que contam sobre o seu passado, participando das relações sociais, podendo transparecer um caráter afetivo e ideológico. Para Meneses (2003) as fontes iconográficas “não devem constituir objetos de investigação em si, mas vetores para a investigação de aspectos relevantes na organização, funcionamento e transformação de uma sociedade”.

² Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org>.

De acordo com Sousa a importância das fontes imagéticas consiste no fato de que esta

possibilita revelar as representações presentes no patrimônio cultural da cidade pois trazem em si mensagens com diferentes significados para cada um que as lê, diferenças essas que dependem de sua etnia, de seu lugar, de seu tempo, de suas experiências, e que permitem aflorar uma série de conhecimentos sobre estas relações sociais, retratados nas construções civis, religiosas e militares, nas expressões artísticas das fotografias [...], retratados nas manifestações populares, que traduzem uma série de artefatos construídos pelos homens voltados para a subsistência, representação e celebração desse povo, em um tempo e em um lugar, bem como nas manifestações diversas que expressam as crenças e valores interiores, que caracterizam uma maneira de ser, de ver, de sentir o mundo e os homens. (SOUSA, p.2)

A fonte de origem imagética visa a transmitir informações por meio de linguagem não-escrita, na forma de fotografia (de pessoas, situações, ambientes, comportamentos), fotografias em movimento (cinema), ou ainda de imagens “não-fotográficas ou pára - fotográficas (tatuagens, caricaturas, charges, história em quadrinhos, pinturas, desenhos, paisagens ou grafitti).” (KLANOVICZ, 2006, p.68)

De acordo Klanovicz (2006, p.74) as fontes visuais “não são objetos de investigação em si, mas meios para interpretar aspectos relevantes na organização, transmissão de mensagens, de dados, de informações, além de possibilitar o reconhecimento de ambientes e de situações que evidenciem oportunidades ou ameaças a interesses”.

Segundo Neves (apud ALVES; SILVA, p.4) a leitura de jornais e revistas de época possibilita ao pesquisador conhecer “os eventos históricos no seu cotidiano, facilitando, com a periodicidade regular, a organização de cronologias, situando o objeto de estudo num contexto mais amplo”. Possibilita a interação social que produz sentido, diferenciando no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais e nos agentes que influenciam os acontecimentos, determinado características e sentidos a fatos e valores fazendo com que atuem e contem a historia de uma época.

2 A IMPRENSA NO BRASIL DO SÉCULO XX

CAPÍTULO II

No curso do século XX, o desenvolvimento e a expansão dos meios de comunicação de massa seguiram o progresso científico e tecnológico. Os jornais começaram a se transformar em empresas e passaram a ser vistos como ferramentas de seu cotidiano. "Através das filiais, os escritórios de correspondentes que se instalavam nos



Fig. 2 - Primeiro exemplar da revista **O Cruzeiro** lançado em 10 de novembro de 1928.
Fonte: Disponível no site www.traca.com.br.

2 A IMPRENSA NO BRASIL DO SÉCULO XX

No curso do século XX, o desenvolvimento e a expansão dos meios de comunicação de massa seguiram o progresso científico e tecnológico. Os jornais começaram a se transformar em empresas e a adotar o telefone e o telégrafo como ferramentas de seu cotidiano. “Através dos fios, os escritórios de correspondentes que se instalavam nas diferentes regiões do país podiam se comunicar com a redação central.”(GONTIJO, 2001) Os jornais ganhavam em atualidade e integração com pontos remotos e de difícil acesso. O passo seguinte foi à ampliação de redes de informação, com o estabelecimento de redes de correspondentes e enviados ao exterior. Uma maior integração que permitiu uma melhor comunicação e divulgação de informações em quase todo o território brasileiro.

De fato, os meios, além de serem meios para veicular as informações, são também os objetos tecnológicos com os quais o usuário interage. O avanço da tecnologia permitiu a reprodução em grande quantidade de materiais informativos a baixo custo. As tecnologias de reprodução física, como a imprensa, a gravação de discos de música e a reprodução de filmes seguiram a reprodução de livros, jornais e filmes a baixo preço para um amplo público. “Pela primeira vez, a televisão e a rádio permitiram a reprodução eletrônica de informações.”³

Além das agências de notícias, os jornais investiam cada vez mais em estrutura necessária para obter informação de qualidade, em primeira mão e exclusiva. O conteúdo também passava por transformações. Declinava o folhetim que ia sendo substituído pelo jornalismo, o artigo político pelas entrevistas, mais informações do que catequese, embora se buscasse a opinião desde que parecesse imparcial.

Gontijo (2001) narra que no começo do século XX, surgiram alguns dos jornais que desempenharam e até hoje desempenham papel fundamental na vida brasileira, “como o **Jornal do Brasil** e o **Correio da Manhã**, que nasceu e morreu na década de 1960, sempre combativo.” Mais tarde vieram **A Noite** (1911), de Irineu Marinho, e o **O Jornal**, adquirido por Assis Chateaubriant em 1913. “Essas duas iniciativas foram o começo de uma série de

³ Informações encontradas no site da Wikipedia.

empreendimentos que resultaram nos mais significativos fenômenos da comunicação no Brasil: a **Rede Globo** e os **Diários Associados**.”

Porto comenta que em 1938 já havia no Brasil, entre vespertinos (tarde) e matutinos (manhã), 23 jornais registrados no Distrito Federal (Rio de Janeiro na época) que se destacavam pelo poder de divulgação junto ao público dentre eles cita:

O Jornal, Diário da Noite, A Noite, A Manhã e o Correio da Manhã. Ao lado desses circulam outros periódicos sem muita expressão como **A Batalha, A Nação, O Radical, Voz de Portugal, Correio da Noite, A Nota, Vanguarda e Democracia.** Há ainda os tradicionais diários que tiveram importância nas décadas anteriores, mas que estão em franco declínio de público, como o **Jornal do Brasil, O Imparcial e Gazeta de Notícias.** (PORTO APUD BARBOSA, 2006, p.220-221)

Assis Chateaubriand montou uma cadeia de jornais que cobria todo o país e lançou a revista **O Cruzeiro**, um semanário ilustrado, que nos anos 50 chegou a vender 700.000 exemplares. E a iniciativa de Irineu Marinho transformou-se, na gestão de seu filho Roberto Marinho, no maior complexo de comunicação da América Latina e um dos maiores do mundo.

Mas o que marcou a imprensa no início do século XX foi o surgimento de várias revistas ilustradas. Graças aos avanços tecnológicos no processo de impressão e da evolução das artes gráficas foi possível chegar a resultados surpreendentes. Como, por exemplo, a revista **Kosmos**, dirigida por Mário Behring de 1904 a 1906. Nela escreviam Artur Azevedo, Paulo Barreto, João Ribeiro, Vieira Fazenda, Lima Campos, Raul Perderneiras, Félix Pacheco, Coelho Neto, Capistrano de Abreu, Medeiros e Albuquerque, Euclides da Cunha e o Olavo Bilac. “As revistas ocupariam o espaço dos jornais literários e tal qual na política cada uma abrigava os autores de seu gênero. Assim, as que vieram a seguir se dividiam. A **Fon-Fon** era porta-voz dos simbolistas, e **A Careta**, dos parnasianos, ilustrados por de J. Carlos.” (GONTIJO, 2001)

Segundo Gontijo (2001), **A Careta** foi a revista mais popular de sua época e podia ser encontrada nas ante-salas de consultórios, nas barbearias e nas estações. Sua distribuição inovou ao usar carteiros como entregadores. Nela escreviam Martins Fontes, Olegário

Mariano, Aníbal Teófilo, Alberto de Oliveira, Goulart de Andrade, Emílio de Menezes, Bastos Tigre, Luís Edmundo e foi em suas páginas que Olavo Bilac publicou os mais belos sonetos de **A Tarde**. Marcaram época também **O Malho**, **Ilustração Brasileira** e **Para Todos**, “que mais do que informar buscavam repercutir as diferentes manifestações da cultura da elite e, sem dúvida, o que legaram de mais original foi o humor de suas caricaturas.” Quando em 1907, Lima Barreto lançou a revista **Floreal**, com a intenção de fazer desta uma publicação séria, a empreitada transformou-se num fracasso total. Possivelmente porque o conceito de revista, naquele momento, já estivesse impregnado do significado de divertimento.

A imprensa no Brasil do século XX não viveu somente a euforia das transformações tecnológicas e lingüísticas, mas, também enfrentou momentos de crise que provocou o fechamento de alguns jornais e revistas.

Nas décadas de 1950 e 1960, os jornais viveram, assim como a política nacional, várias crises. Dentre elas, a crise do papel, a migração de recursos de publicidade dos jornais para o rádio e a televisão e o processo de concentração da imprensa, quando muitos jornais fecharam suas portas. (RANGEL, 2003, p.9).

Por todo o século XX, a imprensa brasileira fora se modificando, se expandindo por quase todo o território nacional. Enfrentou crises de material, inimigos políticos e perseguições por parte da censura que culminou com o desaparecimento de alguns períodos do mercado, mas, trouxe também, novas formas de se fazer jornalismo, referentes aos aspectos técnicos e a maneira de se noticiar os acontecimentos, transformando o cenário jornalístico do Brasil.

2.1 As Transformações da Imprensa no Brasil

Em 1906, o **Jornal do Brasil** inaugura seu moderníssimo equipamento gráfico, com as primeiras linotipos, máquinas de impressão a cores, e sistema fotomecânico. Era o maior parque gráfico da imprensa brasileira e tinha a redação mais moderna, com máquinas de escrever para toda a equipe de jornalistas. “Aliando a lógica da empresa jornalística e a lógica da política, o **Jornal do Brasil** modernizou-se, em termos lingüísticos, empresariais e de

diagramação, mas sua linha editorial permaneceu conservadora, apresentando acentuada influência católica.” (RANGEL, 2003, p.10)

Voltado para a elite, o **Jornal do Brasil** ampliou o leque de correspondentes estrangeiros contratando Wilhelm Schimper, na Alemanha; Paul Leroy Beaulieu, na França; Edimondo de Amicis, na Itália; Emile de Leveteye, na Bélgica; W. Franklin, nos Estados Unidos; Fialho de Almeida, Teófilo Braga e Oliveira Martins, em Portugal; Joaquim Nabuco e o Barão do Rosário, na Inglaterra. Esse jornal já havia inovado lançando a primeira seção feminina da imprensa brasileira, a cargo de Clotilde Doyle, e as histórias em quadrinhos, escritas por Batista Coelho (João Foca) e ilustradas por Bambino.

Gontijo (2001) comenta que de 1900 a 1910, **O Jornal** publicou a seção “Queixas do Povo”, um espaço aberto para quem quisesse reclamar do governo. As queixas eram publicadas de graça, dando voz a qualquer cidadão, inclusive a analfabetos, que podiam queixar-se diretamente à redação do jornal. **O Paiz** e a **Gazeta de Notícias** tinham também seções de queixas e reclamações, mas eram jornais comprometidos com o regime, e por isso nem sempre podiam defender os interesses dos queixosos. Em dezembro de 1918, foi contratado como novo redator-chefe o pernambucano Assis Chateaubriant. Em 1920, um editorial do Conde Pereira Barreto, proprietário do **Jornal do Brasil**, anunciava o lançamento de sua nova cria: o vespertino **A Hora**. Em 1922, na esteira do matutino **Rio Jornal**, o **Jornal do Brasil** começava a receber notícias internacionais através da United Press, contratava como repórter político o estreante Barbosa Lima Sobrinho e abria espaços para cronistas e críticos de literatura.

A primeira seção sobre rádio da imprensa também surgiu no **Jornal do Brasil**, em 1924, quando Dulcídio Pena editou o encarte “Palcos e Telas”, com Mário Nunes como redator-chefe. Quando o cinema falado apareceu em 1929, o **Jornal do Brasil** levantou sua bandeira dedicando uma página inteira a esse assunto.

De acordo com Gontijo (2001), a Revolução de 30 significou um retrocesso para as liberdades individuais e políticas. Foi um dos períodos mais difíceis para a imprensa brasileira. A Constituição postíça, “a Polaca”, promulgada em 1936, edificava o arcabouço

jurídico de Estado Novo de Getúlio Vargas e instituiu o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, com poder de controlar e censurar meios de comunicação. Muitos jornais, revistas e rádios sofreram intervenção, alguns foram impedidos de circular, e muitos foram simplesmente fechados.

Segundo Barbosa durante o período do Estado Novo (1930), os meios de comunicação foram marcados por contradições, pois, apesar dos depoimentos de jornalistas da época confirmarem as agressões sofridas com a censura do DIP,

não se pode considerar de forma unânime que toda a grande imprensa sofreu negativamente com a ação política do período ditatorial de Getúlio Vargas. A complexidade das relações políticas, que se inicia com a coalizão de forças que assume o poder em 1930, se reflete na própria configuração do jornalismo na Capital da República, que funciona nas cercanias do poder.[...] Ainda que tenha havido encampação de alguns periódicos, perseguição de outros tantos, houve mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências. (BARBOSA, 2006, p219-220)

Os jornais tornavam-se armas de persuasão do poder político que a utilizava para manipular a opinião pública.

De acordo com Alzira Alves de Abreu em seu Texto “A Imprensa nos anos JK”, nos anos 50 a imprensa nacionalista passou por grandes transformações como a introdução de novas técnicas de apresentação gráfica, inovações na cobertura jornalística e renovação da linguagem.

As revistas ilustradas semanais, com circulação nacional, tiveram seu período áureo durante os anos JK, com a introdução de uma nova estética na distribuição das fotografias. A revista *O Cruzeiro* (do Rio) deu espaço a grandes reportagens onde a cor e as imagens eram dominantes, e apoiou sem muito alarde o governo JK. A revista *Manchete* (também do Rio) foi grande divulgadora das propostas desenvolvimentistas de JK e valorizou o slogan "50 anos em 5". A *Manchete* foi a primeira empresa jornalística a instalar uma sucursal em Brasília. Estabeleceu-se uma forte relação de amizade entre o dono da empresa, Adolfo Bloch, e Juscelino Kubitschek, o que levou inclusive a família do ex-presidente a decidir, quando da sua morte em 1976, a velar seu corpo na sede da *Manchete*. (ABREU, 2007)

De acordo com Rangel (2003, p.4), a modernização da imprensa não se restringiu à adaptação do modelo norte americano de se fazer e pensar o jornalismo. Atingiu também aspectos gráficos, editoriais e empresariais e representou para a imprensa um novo referencial: “a construção de um lugar institucional que lhe permitiu, a partir de então, enunciar “oficialmente” as verdades dos acontecimentos e se constituir como o registro factual por excelência”.

Abreu comenta que a segunda metade da década de 1950 é marcada pelo abandono do jornalismo de combate, crítica, doutrina e de opinião em que a objetividade não era uma preocupação e, pela implantação de um jornalismo que privilegiava a informação, separando opinião pessoal da transmissão objetiva da notícia.

O crescimento dos jornais e revistas passou também a depender mais da publicidade do que dos anúncios classificados. Ainda nesse período predominavam os jornais vespertinos, mas, com a chegada da televisão, sobretudo a partir dos anos 60, eles foram cedendo o lugar aos jornais matutinos. (ABREU, 2007)

Barbosa ressalta (2006, p.223) que as transformações da imprensa ocorridas na década de 1950 devem ser entendidas como um

momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco-fundador de um jornalismo que se faz moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo. A mítica da objetividade – imposta pelos padrões redacionais e editoriais – é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor.

Ao priorizarem um conteúdo caracterizado pela idéia de imparcialidade “contida nos parâmetros do lide e da edição, no qual o corpo de copy-desk ganha destaque, e ao promoverem a padronização da linguagem, constroem para a imprensa o espaço da neutralidade absoluta” (BARBOSA, 2006, p.224). A imprensa brasileira ganha o reconhecimento do público como lugar emblemático para a difusão da informação.

A reforma do Jornal do Brasil, começada por Odylo Costa Filho, em 1956, revolucionou a linguagem jornalística no Brasil do ponto de vista do texto e, principalmente,

da diagramação. O Projeto gráfico do artista mineiro Amílcar de Castro simplificou a página, valorizou as fotos e tornou a leitura muito mais fácil. O **Caderno “B”** ditava moda e padrões de comportamento além de conferir valor à produção cultural. A Bossa Nova, o Cinema Novo, os concretistas, a arquitetura moderna, os festivais, nada poderia se considerar consagrado sem antes ter saído nas páginas do “B”.

Os governos Dutra e Juscelino Kubitschek subvencionaram a importação do papel a pretexto de ressarcir as empresas jornalísticas dos prejuízos produzidos pelo DIP durante a ditadura de Vargas. Na verdade, era um sutil mecanismo de controle que o governo poderia exercer sobre a imprensa brasileira.

Apesar de todo o esforço de profissionalização dos veículos, não há, até hoje, nenhum jornal ou grupo de comunicação que não seja uma empresa familiar cujo controle é passado de pai para filho. No Rio, **O Dia**, **Tribuna da Imprensa**, **O Globo** e o **Jornal do Brasil**; em São Paulo a **Editora Abril**, **A Folha** e o **Estado de São Paulo**; no Rio Grande do Sul, a **Zero Hora**. As únicas gestões não familiares são de grupos que fracassaram na gestão familiar e que se encontram sob intervenção, como os **Diários Associados** e o grupo **Manchete**.

Para Gontijo (2001) talvez as principais mudanças da imprensa na segunda metade do século XX, tenham sido as revistas semanais e a imprensa nanica. Em setembro de 68, a Editora Abril lançava a revista **Veja**, dirigida por Mino Carta. Três meses depois o governo decretava o AI-5 e impunha todos os instrumentos de controle da informação. O limite entre o proibido e o permitido era extremamente subjetivo, o que obrigava um vai e vem de editores a Brasília na tentativa, nem sempre bem sucedida, de convencer os censores da inocência das matérias que, se vedadas, poderiam inviabilizar uma tiragem inteira.

A revista **Veja** foi apreendida mais de uma vez, assim como **Realidade**, **Visão**, **Senhor**, **Repórter** e toda e qualquer publicação que ousasse desrespeitar as proibições da censura.

Em 1969, surgia a **imprensa alternativa** ou como foi apelidada: imprensa nanica que consistia em órgãos de **informação independentes**, criados com o intuito de denunciar e discutir os fatos político-sociais ocorridos no Brasil da época. Da mesma forma que no século XIX jornais eram lançados para alimentar lutas pela independência, abolição e república, durante a ditadura militar nasceram vários tablóides, à frente o **Pasquim**. Um instrumento poderoso de resistência à ditadura, usando como principal arma o humor que com uma linguagem criativa e ilustrações driblavam a censura, deixando “emergir a crítica apimentada que expunha ao ridículo os personagens políticos da época” (TONETTI, 2006). Millôr Fernandes, Jaguar, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Henfil, Paulo Francis, Flávio Rangel, Ziraldo e Luís Carlos Maciel “fizeram pela democracia o que nenhum grupo armado conseguiu: a desmoralização sistemática e implacável do autoritarismo e das figuras públicas responsáveis pelo governo dos militares.” (GONTIJO, 2003). O **Opinião** e o **Movimento** foram tablóides de vida mais curta, mas tiveram importância, publicando artigos de fundo e críticas ao regime.

Horta cita em seu texto “Imprensa Alternativa – discussão sobre o acervo”, alguns tablóides que surgiram entre 1964 a 1980, além dos supracitados, que tiveram sua importância como meio de combate a censura.

No entanto, outros tão combativos como **O Trabalho** e como **O Trabalhador** que, respectivamente, denunciam **O circo da eleições**, apontando a farsa democrática na sucessão do presidente Geisel ou defendem a formação do Partido dos Trabalhadores; como **Ex**, depois **Extra**, posteriormente **Mais Um**, **Politika**, **Lampião**, **Crítica**, **De Fato**, **Contestado**, o **Inimigo do Rei**, de linha anarquista, que tratavam de assuntos temerários para a época como as matérias Hora de censurar a censura. (HORTA, 2006, p.3)

Durante as primeiras décadas da segunda metade do século XX, o Brasil encontrava-se em meio ao desenvolvimento econômico decorrente do processo de industrialização que se tornou mais visível no segundo governo Vargas (1950 – 1954) e no governo de Juscelino Kubitschek (1956 – 1960) mais acelerado e irreversível. Havia uma relativa estabilidade política e um intenso crescimento urbano que propiciou uma grande onda de transformações sociais, redimensionando os valores morais e as regras de sociabilidade.

Com a maior diversificação da atividade produtiva trazida pela indústria, começaram os investimentos de peso em propaganda e surgiram as primeiras grandes agências de publicidade no Brasil. Nos centros urbanos de todo o país, a imprensa registrava essas mudanças e tensões. Dentro deste contexto surgiu um novo estilo de publicação conhecida por “Magazine” que é um termo inglês vindo do Francês “Magasin”, significando, originalmente “armazém”.

2.2 Magazine Literário

Magazine é um termo que designa uma publicação periódica, de carácter generalista, com uma capa não cartonada e dirigida, em regra, a um público não especializado. É impresso semanal ou mensalmente. Este tipo de livro costuma conter artigos escritos, fotografias e anúncios sobre um determinado assunto.

Segundo site Wikipédia ⁴ o primeiro magazine apareceu na França, entre 1665 e 1792 editado por Sieur de Hedouville (Journal des sçavans). Na Alemanha, os periódicos apareceram no final do século XVIII como magazines de informação, evoluindo aos poucos para periódicos literários e científicos. Durante “II Guerra Mundial, os periódicos serviam como veículos de propaganda ao regime nazista e os tradicionais magazines foram proibidos e destruídos”.

Na Inglaterra, os magazines apareceram por volta de 1710, tendo o primeiro sido editado por Sir Richard Steele. O primeiro periódico a utilizar o vocábulo magazine, como periódico de entretenimento, terá sido o Gentleman’s Magazine (1731-1868).

Nos Estados Unidos da América, por volta de 1740, já existiam alguns periódicos que tinham como média de vida apenas dez meses: American Magazine (1741), editado por Andrew Bradford; General Magazine and Historical Chronicle (1741), editado por Benjamim Franklin e Monthly Chronicle (1757-1758), editado por William Bradford, eram os mais conhecidos. Durante a Revolução americana, apareceram outros de grande importância como o Pennsylvania Magazine (1775-1776) e o United States Magazine (1779). Antes de 1800, já existiam 70 periódicos, sendo os mais notáveis o Columbian Magazine (1786-1792), The

⁴ Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org>.

Massachusetts Magazine (1789-1786) e o New York Magazine (1790-1797). O magazine americano mais conhecido do princípio do século XIX era a Port-Folio (1801-1827).

De entre os magazines americanos que tiveram um período de publicação mais longo, encontra-se Atlantic Monthly (1871-1881), editado por William Dean Howells, Harper's Magazine e Century Illustrated Magazine (1881). No final do século XIX, encontramos outros magazines que foram consideradas de grande importância devido à sua importante intervenção em campos como a injustiça social, política e económica: McClure's (1893-1928), Hampton's Magazine (1898-1912), Cosmopolitan (1886) e Collier's (1880-1957).

Durante o século XX, destacam-se alguns magazines importantes, tais como Life (1936) e Look (1937). No entanto, apesar das suas elevadas publicações, estes magazines, nos anos 60 e 70, perderam alguma da sua importância, devido aos custos de produção e ao aumento das transmissões de televisão. Apesar disto, o magazine Life, voltou a aparecer, em 1978, como magazine mensal. No campo da literatura actual, são hoje referências fundamentais Magazine littéraire (França) e Ler (Portugal), por exemplo.

A maior característica deste tipo de publicação é que o conteúdo editorial advém da junção de temas e assuntos diversos. Os Magazines Literários são publicações comerciais que contém artigos em tópicos populares apontando notícias editadas com a mesma linguagem simples, direta, ilustrada de fatos e dentre os veículos que implementaram o modelo de notícia que congrega a narração do fato com a exposição das imagens, destacaram-se **O Cruzeiro** e, posteriormente a **Manchete**.

A junção de notícias (política, económica, policial) com moda, humor (Amigo da Onça e a coluna do jornalista Estevão), culinária (Lar, Doce Lar) e dicas sobre como se comporta e o que fazer para enfrentar as crises do relacionamento entre homem e mulher (Carta do Leitor), davam a revista O Cruzeiro, a possibilidade de atingir várias classes sociais, conquistando novos leitores pertencentes a quase toda a faixa etária da população brasileira, entre homens e mulheres, sendo considerada uns dois mais importantes periódicos da época, pois, conseguia o apoio do poder político e atenção do público leitor que se acostumou a busca por informação nas páginas de O Cruzeiro.

A REVISTA O CRUZEIRO COMO TESTEMUNHA DO SEU TEMPO

CAPÍTULO III

A REVISTA O CRUZEIRO COMO TESTEMUNHA DO SEU TEMPO



Fig. 3 – Capa de um exemplar de O Cruzeiro de 1960 que traz a figura do novo Presidente da República do Brasil Juscelino Kubitschek. Fonte: Disponível no site www.traca.com.br.

3 A REVISTA O CRUZEIRO COMO TESTEMUNHA DO SEU TEMPO

No dia 10 de novembro de 1928, surgiu na sociedade carioca uma revista aberta a novas possibilidades de leitura, sendo responsável por toda uma reformulação técnica e estética no meio jornalístico. Idealizada pelo jornalista português Carlos Malheiros Dias que não teve dinheiro suficiente para financiar a produção da revista, **O Cruzeiro** fora patrocinada pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand que se interessou pelo projeto, mas, também não possuía dinheiro para comprá-lo, conseguindo-o por meio do presidente, na época ministro da fazenda, e seu amigo Getúlio Vargas a soma de 250 contos (moeda vigente da época) e passa a controlar a empresa que mesmo não tendo uma única linotipo chamava-se **Empresa Gráfica Cruzeiro S.A.**



Fig. 4. Exemplar de 1940. Fonte: www.canaldaimprensa.com.br

A revista que ele descreveu para o ministro nada tinha a ver com a dos planos de Malheiros Dias: a **Cruzeiro** de Chateaubriand era uma revista com papel da melhor qualidade, repleta de fotografias, contaria com os melhores articulistas e escritores do Brasil e do exterior, e assinaria todos os serviços estrangeiros de artigos e fotografias. Impressa em quatro cores pelo sistema de rotogravura, a revista teria de ser rodada em Buenos Aires, já que a qualidade das gráficas brasileiras estava “abaixo do nível das africanas”. E tinha mais: **Cruzeiro** seria semanal, com tiragem de 50 mil exemplares (e não os 27 mil imaginados por Malheiros), que circulariam em todas as capitais e principais cidades do Brasil. (MORAIS, 1994, p.178)



Fig. 5. Primeiro exemplar
Fonte: Site www.traca.com.br

A revista **O Cruzeiro** foi responsável pela introdução de novos meios gráficos e visuais na imprensa brasileira. A maior definição gráfica e o uso da rotogravura foram algumas de suas características marcantes que permitiam uma melhor associação entre o texto e a imagem nas matérias, inovações estas que provocaram a modernização do mercado e lançaram o fotojornalismo como principal corrente editorial de sua época.

A primeira edição do **O Cruzeiro** – lançada sem o artigo que viria a ser incorporado alguns meses mais tarde – vai

às bancas em todo território brasileiro, trazendo em sua capa, além de muita cor, a foto de uma mulher sensual – a figura de uma melindrosa soltando beijos para seus leitores e, sobre o rosto da moça, as cinco estrelas de prata do Cruzeiro do Sul que fora fonte de inspiração para o nome da revista e sob o título a frase “Cruzeiro é uma Revista Semanal Ilustrada”. Este primeiro número atingiu a tiragem de 50 mil exemplares.

De acordo com Barbosa (2003, p.3), as estratégias de publicação moldam práticas de leituras, criando novos gêneros de textos e novas fórmulas de publicação. A diversificação na forma e no conteúdo dessa imprensa diária ou semanal, atrai a atenção de novos leitores, contribuindo com a produção de novos métodos de organização e de transmissão dos textos consolidando certa cultura escrita que mexe com toda imprensa brasileira da época. Como o fato de usar de subterfúgios, como por exemplo, o humor (Amigo da Onça), expondo de maneira não muito agradável, figuras de destaque do quadro político-social do Brasil.

A redação, administração e oficinas da revista **O Cruzeiro** funcionavam na Rua Buenos Aires, 152, sendo dirigida por Carlos Malheiro Dias, possuía agentes em todo país e correspondentes em Londres, Lisboa, Paris, Roma, Nova York, Madrid e Berlim. A assinatura anual do periódico, para o território nòcional, que variava no exterior, custava 45 contos (moeda vigente no período) e o exemplar avulso 1 conto.



Fig. 6. Exemplar da década da 1940.
Fonte: www.canaldaImprensa.com.br

Barbosa ressalta que **O Cruzeiro** inova no cenário do jornalismo nacional não somente por trazer na capa a imagem de uma melindrosa (mulher exagerada no comportamento e no vestir) e muitas cores, mas, por trazer em quase a metade das suas 64 páginas, anúncios que ofereciam automóveis “Lincoln”, as novas vitrolas da GE, filmes da “Metro Goldwyn Mayer” e inúmeros pequenos anúncios de produto de higiene, casas de tecidos, hotéis, cabeleireiros, fogões, gasolina e restaurantes. Além de remédios e elixires que completavam a extensa lista de propaganda, havia os profissionais liberais como médicos e advogados que divulgavam seus trabalhos nas páginas de **O Cruzeiro**.

Materializando o que definem como ideal, divulgam nas páginas internas reportagens, contos e crônicas nos quais a ilustração tem sempre destaque. O tema feminino também está por toda parte, indicando um público potencial que pretende conquistar. (BARBOSA, 2004, p.06)

Segundo Vergílio, depois de emplacar, o veículo passou a alcançar, em média, 200 mil exemplares em cada tiragem. Mas isto era pouco perto dos 720 mil exemplares editados sobre o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954. A matéria teve 12 páginas e foi composta por Arlindo Selva. Daí em diante, o índice se manteve.



Fig. 7. Leite de Rosas. Fonte: MORAIS, 1994, p.617

Morais em seu livro “Chatô: o rei do Brasil” (1994, p.587), transcreve que a edição internacional de **O Cruzeiro** em castelhano que fora criada com o intuito de enfrentar a revista **Life**, em pouco tempo tornou-se uma publicação de grande sucesso de público, atingindo a marca de 300 mil exemplares semanais de Cuba à Argentina.

Mas anúncios mesmo, que era o que interessava, as grandes agências de propaganda estrangeiras só veiculavam na **Life**. **O Cruzeiro** precisava se contentar basicamente com um ou outro produto brasileiro que, mais por política de boas relações do que qualquer outra razão, acabava anunciando também na edição internacional. Ou seja, esta também se transformara em um novo sorvedouro do dinheiro gerado pelos demais órgãos da rede. (MORAIS, 1994, P.587)

A revista inovou o estilo de publicação nacional ao incorporar notícias e fotos numa mesma edição, como também, por trazer inúmeras propagandas referentes a todo tipo de produto e serviços oferecidos por profissionais liberais (Advogados e Médicos), charges humorísticas e seções destinadas ao público feminino (Lar, Doce Lar).

3.1 O Estilo Inovador de O Cruzeiro

As estratégias adotadas pela revista para conquistar leitores e o que difere de qualquer outro veículo jornalístico, era manter contato direto com o seu público leitor, o que acontecia através de cartas recebidas em várias seções como jurídica, a médica e doméstica, além de distribuir prêmios variados, instituía diversos concursos para a participação dos leitores - como o de fotografia, de contos e novelas em que os dez primeiros classificados tinham seus trabalhos publicados na revista.



Fig. 8. Capa de uma das primeiras edições.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

Entre vários assuntos, **O Cruzeiro** tratava sobre a vida dos astros de Hollywood, cinema, esportes e saúde. Havia também seções de charges (Amigo da Onça), política (Em Confiança), culinária (Lar, Doce Lar) e moda. Entre os editorias que supriam as necessidades do público feminino, destacavam-se “Dona” que correspondia ao perfil da leitora da revista (mulheres de maior poder aquisitivo) “Sete Dias” com as crônicas de Franklin de Oliveira, “Ultima Página” de Rachel de Queiroz e “Carta de Mulher” onde publicavam correspondências das leitoras. A seção intitulada “Cinelândia” trazia novidades sobre o cinema americano e as fofocas das estrelas de Hollywood; a “Estádio” que tratava de esportes variados e o “Consultório Médico” em que um doutor respondia às dúvidas dos leitores sobre os mais diversos problemas de saúde.

As publicações humorísticas tinham destaque na revista como a charge “Amigo da Onça” criada pelo pernambucano Péricles de Andrade Maranhão que reproduzia temas do

cotidiano e outras criações como “Pif-Paf” de Millôr Fernandes que começavam a se destacar entre os leitores. Tudo isso era recheado de muitas fotos, pois, todos os acontecimentos abordados pelo **O Cruzeiro** eram narrados, praticamente pelas imagens, quando muito pelo o texto da legenda. Uma das características da revista é a utilização de fontes imagéticas para transmitir as informações, o que dá ao pesquisador o outro meio de estudar o passado através das fotos publicadas em seus exemplares.

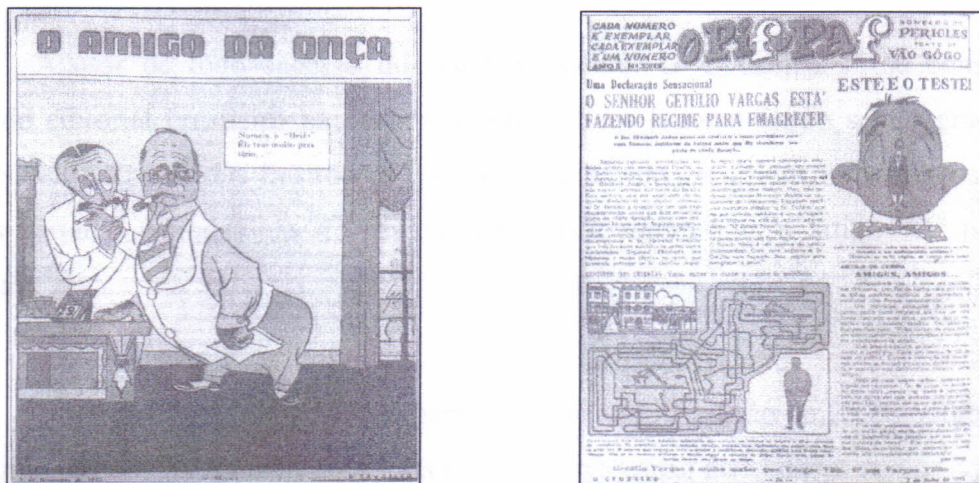


Fig. 9. Charges do Amigo da Onça e do Pif-Paf. Fonte: MORAIS, 1994, p.424 e 432

Dentro do seu quadro de colaboradores sobressaiam-se a dupla repórter – fotógrafo David Nasser e Jean Manzon que estavam diretamente ligados a uma das principais inovações da revista – o fotojornalismo. Os dois faziam uma dupla perfeita em que Nasser arranjava e produzia as matérias impactantes e o Manzon as ilustrava.

Vergílio comenta em seu texto “Estilo emergente de entretenimento” que o grande momento de consagração de Nasser e Manzon foi à edição de 24 de junho de 1944, com a publicação da matéria “Enfrentando os Xavantes” que reportava 18 páginas de fotos de selvagens atacando um avião a flechadas e bordunadas. A repercussão desta reportagem em 60 países fez com que **O Cruzeiro** se esgotasse nas bancas, contribuindo com a criação da marca que fez parte da revista por quinze anos: “Texto de David Nasser e fotos de Jean Manzon”.

Como qualquer meio de comunicação de massa necessita crescer e desenvolver novos mecanismos que atendam as necessidades informacionais de cada indivíduo, O Cruzeiro procurou por novas maneiras que a levasse a um lugar de destaque. Para tanto,

importou os mais modernos aparelhos gráficos da época, contratou as mais influentes jornalistas (David Nasser), escritores (Raquel de Queiroz), críticos e humoristas (Péricles de Andrade Maranhão), contribuíram para a sua consolidação no cenário de publicações impressas do Brasil.

3.2 Reestruturação da Revista O Cruzeiro

Apesar de todo sucesso do seu lançamento, **O Cruzeiro** só se consolidaria no mercado editorial brasileiro na década seguinte. Seus leitores foram sendo gradativamente conquistados através das ilustrações que acompanhavam os artigos, reportagens, crônicas e seções variadas editadas nas 47 páginas da revista, agora com o artigo “O” no seu título original.

O programa de remodelação geral é anunciado na edição de 25 de outubro de 1930, com a importação da Alemanha de uma nova rotativa capaz de produzir rotogravuras a cores, incluindo também o aumento do número de páginas, informam a futura alteração do preço do exemplar e anunciava as inovações uma vez que seria uma prévia para o público de como ficaria a revista com as novas mudanças. Segundo Moraes (1994, p.353), Frederico Chateaubriand, filho de Oswaldo Chateaubriand, foi o um dos grandes responsáveis pela transformação de **O Cruzeiro** em uma das mais importantes revistas do Brasil neste século.

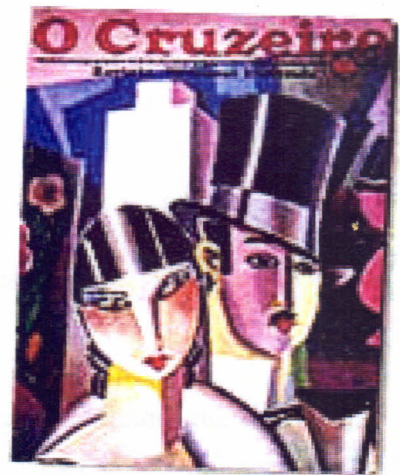


Fig.10. Exemplar da década de 70
Fonte: www.canaldaimprensa.com.br

Concomitantemente ao experimentar os novos processos tecnológicos, ainda desconhecidos da imprensa brasileira, **O Cruzeiro** se arriscava promovendo a adaptação de novos elementos introduzidos no suporte impresso como, por exemplo, a implantação do excesso de cores no ambiente acostumado ao realismo preto e branco das notícias impressas nos demais periódicos de circulação nacional na década de 1930.

Neste mesmo período, a revista deixa claro de que lado está no cenário político ao reproduzir na capa da primeira edição de novembro de 1930 (01/ 11/ 1930), a foto do general Menna Barreto junto a outros militares em frente ao Palácio Guanabara no dia da deposição do presidente Washington Luís. Assumindo assim, durante o Estado Novo, o seu papel de aliada incondicional de Getúlio e à Revolução de 1930. De acordo com Barbosa (2006, p.220), citada no segundo capítulo, a Revolução foi marcada por perseguições a imprensa, mas, também foi um momento de consolidação de algumas publicações que se mostravam favorável a certas esferas do poder político nacional.



Fig.11. Chateaubriand (à direita) com Vargas (à esquerda)
Fonte: MORAIS, 1994, p.254.

O Cruzeiro sempre buscou esta do lado de seus interesses, apoiando que estava em sintonia com seus propósitos, produzindo um jornalismo de crítica ao comunicar as informações do cotidiano político do Brasil. Neste momento (1930) ainda não havia ocorrido às transformações da linguagem jornalística de que fala Abreu (2007) no segundo capítulo, ocorrida na década de 1950, deixando de ser um jornalismo de opinião para se tornar testemunha de seu tempo ao privilegiar a informação, transmitindo-a com objetividade.

Barbosa (2002) ressalta esse modo de fazer jornalismo da época, destacando que no exemplar da semana seguinte, Getúlio Vargas é o tema central da revista que inicia um trabalho de construção mítica em torno da figura personalista de Vargas que colabora com a consolidação do “discurso estado novista”.

Na mesma edição, o editorial é substituído pela reprodução a “Ordem do Dia” n.º1, do Comando Geral das Forças Nacionais. Diversas páginas ostentam fotos dos comandantes da Revolução e editam ainda imagem de página inteira de um Getúlio Vargas austero e nomeado como “Chefe Supremo” da revolução. Essa é a tônica do número. Há incontáveis matérias falando das ações revolucionárias pelos quatro cantos do país e seus diversos participantes. A seção “Fatos da Semana” é substituída por “Figuras e Fatos da Revolução”. (BARBOSA, 2002, p.11)

Outras mudanças editoriais que ocorreram até o final dos anos 30, fora a publicação dos contos em forma de folhetos com a continuação da história nas edições seguintes, o que acaba criando a fidelidade do leitor que deseja acompanhar o fim da trama.

As pequenas fotos tomam, a partir deste momento, páginas inteiras; surge uma nova coluna “Novidades da RKO – Rádio”, onde eram editadas as tendências da moda das estrelas norte-americanas; para o Dia da Bandeira eram destinadas duas páginas inteiras com fotos que retratavam as homenagens; e em especial para as mulheres, além das colunas já existentes como “Dona”, outras foram criadas – “Mãe e Filho”, na qual um pediatra dava conselhos médicos e educacionais e “Graça, saúde e beleza” que dava dicas sobre o corpo físico reproduzindo exercícios que as mulheres deveriam fazer para manter a forma e ter uma vida saudável. Seria o que a revista Boa Forma faz atualmente.

Em 1938, **O Cruzeiro** muda-se para uma sede própria na rua do livramento, uma aranha – céu projetado por Oscar Niemeyer. Mas, a inovação de maior destaque é de natureza editorial com a inauguração, em 1940, de um novo estilo de reportagem de caráter investigativo, sendo a Segunda Guerra Mundial o grande tema dos anos 40.

O primeiro número da década, 27 de janeiro, tem como matéria principal uma reportagem fotográfica sobre o conflito, mostrando os confrontos entre russos e finlandeses e uma vila alemã tomada pelos franceses. Entremendo esse clima belicoso, notícias sobre estrelas de Hollywood, contos falando de amor, traição ou enfocando histórias fantásticas. Em julho de 1940, o assunto principal é o Armistício França – Itália – Alemanha. Sete fotos mostram a “Paz de Copenhague e Munique”. São imagens da assinatura do armistício, de De Gaulle na Inglaterra e de Hitler e Mussolini sendo “ovacionados pelo povo”. (BARBOSA, 2002, p.12)

Os grandes momentos históricos referentes à política e a economia, eram notícias de destaque da revista que assumindo um caráter mais compatriota, voltava seus olhares também para o cenário nacional exaltando as datas nacionais, difundindo a ideologia “estadonovista”. Mesmo abordando com maior ênfase os temas políticos, **O Cruzeiro** não abandonou a intimidade das estrelas de Hollywood e nem os contos que prendiam a atenção do leitor.

Em 1945, novas mudanças ocorrem na estrutura editorial da revista: na primeira página saem os pequenos anúncios e entra o índice ao lado de um artigo. “A revista era aberta pela seção “Sete dias”, uma saborosa crônica de Franklin de Oliveira, e fechada por Raquel de Queiroz com sua “Última página”, mas o principal atrativo para os leitores eram mesmo as grandes reportagens”. (MORAIS, 1994, p.473)

Sempre buscando atingir um público variado e cada vez mais expressivo, **O Cruzeiro**, bem ao estilo de Magazine Literário, assumia o caráter de fonte de informação que permitia ao leitor se informar e divertir ao apresentava artigos, reportagens, poesias, contos, entrevistas, cinema, humorismo, assuntos femininos, figurinos e modelos, misturando realidade e fantasia em todo seu conteúdo informativo. Além das seções “Escreve o Leitor”, “Sete Dias”, “Back – Ground”, “No Mundo dos Livros”, “Foto – Teste”, “Música”, “Sport – Light” e “Mundanismo” que prendia a atenção do leitor e o tornava próximo a revista.

Ao lado das grandes reportagens ilustradas com profusão de fotografias, às páginas humorísticas ganham cada vez mais destaque. Além de Pif – Paf de autoria de Millôr Fernandes, a popularíssima charge Amigo da Onça reproduz sempre um tema do cotidiano. (BARBOSA, 2002, p.14)

O Cruzeiro sempre buscou retratar em suas páginas momentos excepcionais que constituíram instantes fundamentais para a construção de parte da história do Brasil e do mundo. Para Barbosa (2004) “a revista constrói-se como testemunha de uma época, reproduzindo, com o apoio sempre da fotografia, momentos que são apresentados como unívocos”. (p.16)

Morigi e Bonotto (apud SAINERO, 2004), comentado no primeiro capítulo, mostram – nos que fontes de informação se constituem de qualquer meio onde notícias ou testemunhos são produzidos, em que todos os elementos (visuais, iconográficos, orais e

escritos), submetidos à interpretação, transmitem conhecimento, como por exemplo: as fotografias encontradas nos exemplares de *O Cruzeiro* que mostram as imagens de acontecimentos e fatos no momento da ação, que de acordo com quem ver constroem-se realidades diferentes; a linguagem dos anúncios e as dicas de moda que informam as tendências do verão de 1963 que pediam biquínis com estampas coloridas e roupas de festas no mesmo estilo (*O Cruzeiro*, 14 – 12 - 1963).

Na década de 1950, apesar da euforia econômica e do fortalecimento da imprensa nacional, houve momentos de crise, como ressalta Rangel (2003, p.9) abordado no segundo capítulo, que acabou por atingir a rede Associados de Assis Chateaubriand, chegando até a revista *O Cruzeiro* que teve de se reformular para voltar a vender mais exemplares, o que não aconteceu, levando-a a extinção na década de 1970.

3.3 Decadência da Revista *O Cruzeiro*

A divisão do *Diário Associados*, anunciada na manhã de setembro de 1959 por Assis Chateaubriand que resolvera doar a 22 de seus empregados 49% da propriedade de seu império de comunicação, marca o início da decadência da rede Associados que depois das transformações realizadas em suas estruturas por Vicente Rao, Hélio de Moura e Alexandre Marcondes Filho passa a se chamar Condomínio Associado.

A crise que atingiam os outros veículos pertencentes ao Condomínio Associado chegou ao caixa de **O Cruzeiro** que, aos poucos, perdia as grandes vedetes do jornalismo com Freddy Chateaubriand, responsável pela ascensão da revista, mudara-se para **O Jornal**; Jean Manzon, jornalista que gozava de grande prestígio no cenário nacional, que fora para a revista **Manchete** publicação semanal criada por Adolfo Bloch para concorrer com **O cruzeiro** no território brasileiro.

Em **O Cruzeiro**, as grandes reportagens iam aos poucos dando lugar a matérias pagas, cada vez mais freqüentes e mais visíveis. Tudo isso se refletia na vendagem, que depois de bater perto dos 800 mil exemplares semanais caíra para pouco mais da metade (com o passar do tempo, a queda na vendagem seria tal que a revista deixou de publicar, como fazia desde a fundação, a tiragem semanal). Além de suas próprias dificuldades, **O Cruzeiro** também era obrigada a pagar as contas de sua congênera

latino-americana, ainda circulando apesar de decididamente esquecida pelas agências internacionais de publicidades. (MORAIS, 1994, P.616)

Como a publicação de fotos e textos sobre algum lugar ou objeto, servindo como guia turístico. Como podemos ver na matéria sobre as igrejas da América Latina, as artes sacras do natal cristão (*O Cruzeiro*, 11-01-1964); ou a reportagem de David Nasser intitulada “O Portugal que eu amo”, mostrando imagens de pontos turísticos deste país (*O Cruzeiro*, 15-02-1964). O casamento da Miss Minas Gerais Stael Rocha Abelha com o industrial Múcio Ataíde; ou o nascimento da filha da ex-Miss Brasil Martha Rocha (*O Cruzeiro*, 18-01-1964). Informações estas que consiste somente e entreter o leitor mais do que lhe informar, transmitir conhecimento sobre seu contexto social, tornando-a mais fonte de notícias sobre a época do que testemunha do seu tempo.

Nos anos 60 **O Cruzeiro** entrou em declínio com o desuso de suas fórmulas e o surgimento de novas publicações como **Manchete** e **Fatos & Fotos**. Com o regime militar e a ascensão dos impérios vizinhos (em especial as Organizações Globo), o império do paraibano Assis Chateaubriand não pôde resistir e com sua morte, em 1968, os Diários Associados foi obrigado a se desfazer paulatinamente de seus veículos.

Apesar dos altos índices de venda, a revista **O Cruzeiro** dava um prejuízo de 340 milhões de cruzeiros ao ano. O jeito foi investir em publicidades. A revista não trazia, mas grandes reportagens, mas matérias pagas e isso refletiu nas vendas, que caem para um pouco mais da metade que alcançaram com matérias sobre o suicídio de Vargas. A queda é tamanha que a revista deixa de ser semanal. (VERGÍLIO – site Memória Viva)

Num esforço para se erguer financeiramente, a **Editora O Cruzeiro** lança a primeira revista em quadrinhos colorida no Brasil, a revista **Pererê** criada por Ziraldo e, visando recuperar os leitores perdidos, “**O Cruzeiro** anunciava que ia enviar para a cobertura da Copa do Mundo, no Chile, a mais competente e numerosa equipe de jornalistas da imprensa brasileira: Jorge Audi, Henri Ballot, Ronaldo Moraes, George Torok, Luís Carlos Barreto e Mário de Moraes.” (MORAIS, 1994, P. 633)

Mas, se de um lado a revista tentava demonstrar que estava viva, do outro os leitores percebiam que **O Cruzeiro** murchava. [...] Até a fatalidade parecia contribuir para o incêndio: nos primeiros dias de 1962, suicida-se o

humorista e cartunista Péricles de Andrade Maranhão, criador de “O Amigo da Onça”, uma das seções de maior sucesso da revista. (MORAIS, 1994, p. 633)

Segundo Moraes (1994, p.672), sem apoio político de o governo militar, **O Cruzeiro** passa a sofrer censura, deixando de publicar reportagens que lhe eram proibidas, mas que saíam sem censura em **Realidade** – revista mensal lançada em 1966 pela Editora Abril que começava a ocupar o lugar de **O Cruzeiro**. A cada ano a revista **O Cruzeiro** acumulava um prejuízo de 340 milhões de cruzeiros (moeda vigente na época)

Na década de 1970, O Cruzeiro, para atrair mais leitores, passou a publicar matérias de entretenimento, em maior número do que reportagens com teor jornalístico. Um exemplo deste momento é a capa do dia 17 de setembro de 1974 que publica a vitória da Alemanha na copa de 74, deixando de lado seu caráter de denunciadora do contexto sócio – político. Outro exemplo são as reportagens turísticas, “Guarapari uma estação na estrada do sol” (O CRUZEIRO, 10 – 04 – 1974) e, principalmente, sobre o carnaval. Tema este que está presente, como matéria de capa, em quase todas as edições deste período. O que podemos perceber, é que a revista perde muito da sua característica inicial que consistia em publicar matérias jornalísticas onde a informação objetiva sobre fatos do cotidiano político-social eram priorizados, passando a ser mais um veículo de comercialização de produtos, querendo competir com a televisão.

O fim da revista deu-se em julho de 1975, indo às bancas a última edição, dando capa ao jogador Pelé, vestido de Tio Sam, com a consagração definitiva do instantâneo meio televisivo em favor dos impressos e o fim do império dos Diários Associados de Chateaubriand. “A revista destinada à elite que trazia coluna social, reportagens diversas e muitos anúncios, sai do mercado defasada”, narra Vergílio em artigo “Estilo emergente de entretenimento”.

Com a saída de **O Cruzeiro** das bancas, abre-se um espaço no meio jornalístico que é preenchido pelas recém – nascidas **Veja** e **Realidade** que mesmo ocupando o espaço deixado pelo **O Cruzeiro**, não tinham o estilo e a ousadia escancarada em cada uma de suas páginas.

A revista que fora criada em 1928, tornando-se a publicação ilustrada mais lida e querida do período, teve em suas páginas com colaboradores os mais importantes jornalistas, fotógrafos, políticos e escritores do Brasil. Editada e impressa no Rio de Janeiro, a revista circulou semanalmente por cerca de 40 anos, havendo desaparecido na década de 1970.

Contudo, apesar de assumir um caráter mais comercial, O Cruzeiro ainda era uma revista que servia como canal de informação para seus leitores que buscavam em suas páginas fatos e acontecimentos que interferiam diretamente na vida individual e coletiva da sociedade brasileira. Notícias que viraram testemunhos históricos da política nacional da década de 1960, sendo de acordo com Silva (2006) exposta no primeiro capítulo, uma fonte secundária de informação por ser fonte histórica que contém conhecimentos que levam o pesquisador as fontes primárias.

3.4 O Cruzeiro: uma fonte de informação histórica

Compreende-se como documento histórico todo o material produzido em um determinado período, que possa auxiliar o pesquisador em sua análise. Pode se constituir desde documentos produzidos por governos ou entidades (públicas e privadas), até mesmo objetos como utensílios, indumentárias, imagens, textos de qualquer natureza, pinturas, esculturas, músicas, etc. Existe, ainda, a possibilidade de trabalho com a coleta de relatos de pessoas que tenham presenciado determinadas ocorrências. Neste caso, é aplicada a História oral, quando buscamos informações por meio de narrativas individuais de pessoas sobre sua cultura, origem ou de fatos que tenham presenciado ou vivido.

Sendo a história o registro de um povo, ela se encontra em um processo contínuo de transformação e, nesse sentido, a formação histórica de um indivíduo se dá durante toda a sua existência. O legado histórico é parte determinante no modo de proceder do homem, é uma influência da qual o indivíduo não tem consciência, mas passa a tê-la quando começa a analisá-la com base no acesso a novas informações.

Os grandes momentos históricos referentes à política nacional eram notícias de destaque da revista *O Cruzeiro* que desde início buscou fazer parte do cotidiano dos seus leitores. Sempre procurando retratar em suas páginas acontecimentos excepcionais que constituíram instantes fundamentais para a construção de parte da história do Brasil, como por exemplo, a Revolução de 30 e o suicídio do então Presidente do Brasil Getúlio Vargas. Assim recolhendo, registrando e interpretando fatos da vida real, se constitui em uma fonte preciosa da história.

De acordo com Ambrósio e Ricco (p.3) na década de 1960, o Brasil, enfrentava uma intensa mobilização política entre as Forças Nacionalistas que defendiam o fortalecimento das esquerdas e o Partido comunista que “desempenhavam um importante papel na articulação dos setores progressistas e exercia uma considerável influência no meio estudantil, sindical e intelectual”.

Através da leitura dos textos e imagens das páginas de *O Cruzeiro* da década de 60, podemos perceber costumes - as festas religiosas como a procissão do Senhor dos Navegantes na Bahia - e modismos (as tendências do verão e a nova onda do verão de 63 que era surfar nas ondas do mar de Copacabana). Com reportagens claras e objetivas, a revista retratava fatos e acontecimentos que tiveram grande impacto no cenário nacional, como a Revolução de Abril (1964) que culminou com a renúncia do Presidente João Goulart, Jango. Este episódio é narrado em uma edição extra da revista que traz em suas páginas os bastidores do movimento, ou seja, toda a mobilização dos governadores que eram contrários às idéias políticas de Jango, como exemplo, Carlos Lacerda governador do Estado do Rio de Janeiro; declarações deste, de Magalhães Pinto, Adhemar de Barros e de Juscelino Kubitschek – os grandes expoentes da Revolução de Abril – sobre o movimento e o governo do Presidente deposto João Goulart.

A Revolução de Abril que teve início em março de 1964, foi narrada desde o começo pelo *O Cruzeiro* que, em uma edição histórica da revolução, conta todos os fatos que contribuíram para o fim do governo de João Goulart (Jango). Através do texto de Glauco Canneiro podemos compreender as ações que antecederam a renúncia do então Presidente do Brasil, Jango e, conseqüentemente, o Golpe Militar.

Perante mil sargentos das Forças Armadas e Auxiliares, o Sr. João Goulart, em violento discurso, pronunciado na noite de segunda-feira, tornou irreversível sua posição de esquerda e desencadeou, graças a essa definição feita em termos candentes, a movimentação das forças que o derrubaram. Consideram os chefes da revolta que transigir mais com a posição ostensiva do Sr. Goulart, seria decretar a morte da democracia. O discurso de Jango, a 30 de março, foi começo do fim. (O CRUZEIRO, 10 – 04 – 1964, p.7-11)

Nesta mesma edição, a revista traz fotos de manifestações estudantis e a repressão do II Exército que ocupa as ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro para manter a ordem, longo após a notícia da renúncia de João Goulart. Testemunha também a tomada do Forte de Copacabana, ação esta que foi decisiva para a vitória da revolução. As fotos mostram toda a ação praticada pelos invasores ao entrarem no forte e rederem seus ocupantes. Aqui podemos perceber que, tanto o texto o escrito, como as imagéticas encontradas nas páginas de O Cruzeiro, podem ser usadas como testemunha da Revolução de Abril.

Copacabana, posto 6. A data é 1 de abril, mas, desta vez, o dia não é de brincadeiras. Assim, quando um grupo de carros particulares parou defronte à entrada do Forte de Copacabana e deles saltaram quarenta oficiais armados, todo mundo viu logo que era pra valer. Principalmente o repórter de “O Cruzeiro”, que se encontrava numa janela no 3º andar do edifício onde funciona a TV Rio. Eram 12 horas e 30 minutos. (O CRUZEIRO, 10 – 04 – 1964, p.38-45)

Além de contar a crise político-militar que provocou a Revolução armada contra Jango, encontramos em outras edições e a solenidade de nomeação do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco a Presidência da República do Brasil (edição em cores de O Cruzeiro do dia 09 – 05 – 1964). Buscando não ser somente um canal de informação contemporânea do seu período, O Cruzeiro também trazia em seu conteúdo matérias especiais sobre a história das principais Revoluções Brasileiras que ocorreram ao longo dos anos do Brasil republicano como exemplo, como “A Revolta do Sargento Silvino” escrita e coordenada por Glauco Canneiro e fotos de João de Almeida, contando a história da revolução que culminou com a tomada do controle da Fortaleza de Santa Cruz pelos os presos, durante o governo do Presidente da República Floriano Peixoto. (O CRUZEIRO, 09 – 05 – 1964, p.52-59). E uma edição comemorativa do “IV Centenário do Estado do Rio de Janeiro” (O CRUZEIRO, NOVEMBRO DE 1965) que conta a história da fundação do Estado; a vida de D.João VI no Rio; a missão artística francesa de 1816; seu desenvolvimento e expansão sócio-econômico; e as personagens e os poetas que faziam parte da vida urbana do Rio de Janeiro.

A edição que traz como matéria de capa a posse do Presidente Castelo Branco, retrata um Brasil depois da crise político – militar que inicia o período da Ditadura Militar.

Coroando uma longa crise político-militar, que provocou uma revolução armada contra o governo do Sr. João Goulart, o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, ex-Chefe do Estado – Maior do Exército, cearense de 64 anos, herói da II Guerra Mundial nos campos da Itália, homem de grande bom senso e cultura universal, estrategista do movimento rebelde que depôs o ex - Presidente, empossou-se na Chefia da Nação, depois de eleito pelo congresso. É o primeiro Presidente brasileiro a ter enorme soma de poderes definidos no Ato Institucional. E o primeiro a receber as mais duras responsabilidades de reconstruir o País. (O CRUZEIRO, 09 – 05 – 1964, P.6-13)

Poder-se-ia afirmar que a leitura destas edições supracitadas, serviu-nos como testemunha do nosso passado político-social, pois, como ressaltada Neves (apud ALVES; SILVA, p.4) citado no primeiro capítulo, a leitura de jornais e revistas de época possibilita-nos conhecer os eventos históricos no seu cotidiano. Pelo simples fato dos textos jornalísticos retratarem de forma mais real e objetiva os acontecimentos que provocam alguma mudança no cotidiano social, mesmo que sofrendo influencia do meio onde é produzido o texto, chega mais perto da veracidade dos fatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda informação nova pode se somar ao conhecimento promovendo uma nova possibilidade ao já conhecido de se desenvolver e crescer o conteúdo intelectual de cada pessoa. Essa reorganização ou ampliação concorre para a formação do indivíduo, onde as questões históricas são imprescindíveis na compreensão da vivência social e política de cada homem.

Há várias formas de se conhecer o passado. Por meio de uma letra de música, de uma narrativa, um desenho, uma foto, roupa ou texto escrito, que submetido à interpretação individual, transmite informações diferentes sobre algum fato ou acontecimento que faz parte de um contexto na qual tudo se transforma em conhecimento.

As fontes históricas, como os textos jornalísticos, nos dão as informações mais objetivas, próximas da veracidade dos fatos do que a encontrada nas fontes formais, por exemplo, o livro, porque é um documento escrito dentro do ambiente dos acontecimentos. Neste contexto, O Cruzeiro como documento histórico, dá ao pesquisador fontes escritas e imagéticas como meio de estudar o passado, em que a escrita descreve as notícias e a imagem fotográfica mostra a face da informação.

O acesso às informações contidas nos exemplares de O Cruzeiro pode se constituir, embora de forma indireta, em elemento fundamental no processo de transmissão do passado, agindo como um canal que nos mostra um período de transformações no cenário político nacional. Considera-se que a literatura jornalística é uma face importante na compreensão do contexto histórico, proporcionando um olhar mais consciente sobre os valores vigentes e regentes da política nacional.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A Imprensa nos anos JK**. Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: 23 de novembro de 2007.

ACCIOLY, Bruno. **Fonte Histórica**. Disponível em: www.designioc.com.br. Acesso em: 23 de novembro de 2007.

ALVES, Ana Elizabeth Santos; SILVA, Maria Portela. **Fontes históricas documentais e o trabalho e a educação**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 23 de novembro de 2007.

ALMEIDA, Maria do Rosário Guimarães. Conceituando literatura cinzenta. **Literatura cinzenta: teoria e prática**. São Paulo: UFMA/ Sousândrade, 2000.

AMBRÓSIO, Andréa Nunes; RICCO, Adriana Sartório. **Censura e Repressão no Regime Militar: a imprensa silenciada e seus reflexos na sociedade**. Disponível em: www.fesv.br/. Acesso em: 23 de novembro de 2007.

BARBOSA, Marialva. **O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira**. Ciberlegenda. São Paulo, n. 7, pp. 1 – 16, Revista eletrônica permanente, 2002. Disponível em: < <http://www.Ciberlegenda.com.br> >. Acesso em: 06 de fevereiro de 2007.

_____. **Imprensa e poder no Brasil pós-1930**. Em *Questão*, Porto Alegre, v.12, n.2, p.215-234, jun./dez.2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/>. Acesso em: 23 de novembro de 2007

BERLO, David Kennet. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. Tradução de Jorge Arnaldo Fontes; Revisão de I. B. Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

CARDOSO, João Luiz Costa. **O Cruzeiro**. Disponível em: <www.ubaweb.com/revista>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2007.

GONTIJO, Silvana. **O Mundo em Comunicação**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p.201-207. Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: 06 de fevereiro de 2007.

GUINCHAT, Claire; MENOU, Michel. Os serviços de difusão da informação. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: MCT/CNPq/IBICT, 1994.

KLANOVICZ, Jó. **Fontes abertas: Inteligência e o uso de imagens**. Revista Brasileira de inteligência. Brasília: Abin, v. 2, n. 2, abr. 2006. Disponível em: <http://www.abin.gov.br>. Acesso em: 26 de novembro de 2007.

HORTA, Sandra. – Texto integrante dos Anais Eletrônicos — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006: Usos do Passado. **Imprensa Alternativa – Discussão sobre o acervo**. Disponível em: <http://www.uff.br>. Acesso em: 23 de novembro de 2007.

LE COADIC, Yves-François. O objeto: a informação. **A ciência de informação**. [s.l.]: Briquet de Lemos, 1996.

MACHADO, Ana Maria Nogueira. **Informação e controle bibliográfico: um olhar sobre a cibernética**. São Paulo: UNESP, 2003.

MAGAZINE. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2007.

MCGARRY, Kevin. Sobre conhecimento e informação. **O contexto dinâmico da informação**. [s.l.]: Briquet de Lemos, [19__?].

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **Fontes visuais cultura visual, história visual. Balanço provisório, proposta cautelares**. Revista Brasileira de História, v.23, n.45, julho de 2003.

MORIGI, Valder José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. **A narrativa musical, memória e Fonte de Informação Afetiva**. Porto Alegre, Em Questão, v.10, n.1, p.143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: 08 de agosto de 2007.

MONTEIRO, Silvana Drumond. **Semiótica Peirciana e a questão da Informação e do Conhecimento**. Enc. Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n.2 esp., 2º sem. 2006.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MULLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n.6, 16 de novembro de 1963.

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n.7, 22 de novembro de 1963. (Edição Histórica)

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n.10, 14 dezembro de 1963.

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n.11, 21 de dezembro de 1963.

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n.14, 11 de janeiro de 1964.

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n. 15, 18 de janeiro de 1964.

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n. 18, 8 de fevereiro de 1964.

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n.19, 15 de fevereiro de 1964.

O CRUZEIRO, ano XXXVI, n. 31, 9 de maio de 1964.

O CRUZEIRO, edição extra, 10 de abril de 1964.

O CRUZEIRO, ano XXXVII, n. 6, 14 de novembro de 1964

O CRUZEIRO, ano XXXVII, n. 5, 7 de dezembro de 1964.

O CRUZEIRO, ano XXXVII, n. 37, 19 de junho de 1965.

O CRUZEIRO, ano XXXVII, n. 52, 2 de outubro de 1965.

O CRUZEIRO, ano XXXVII, n. 8, 27 de novembro de 1965.

O CRUZEIRO, edição comemorativa do IV centenário, novembro de 1965.

O CRUZEIRO, ano XXXVII, 10 de abril de 1974.

RANGEL, Monique Benati. – Texto integrante dos Anais Eletrônicos — XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 de setembro de 2003: **Poder e discurso da imprensa na década de 1960: a objetividade jornalística a serviço da ditadura militar**. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 23 de novembro de 2007.

REVISTA O CRUZEIRO. Disponível em: <www.traca.com.br>. Acesso em: 23 de janeiro de 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **As técnicas da comunicação e da informação**. [Lisboa]: editora Presença, c1999.

SALES, Rodrigo de; ALMEIDA, Patrícia Pinheiro de. **Avaliação de fontes de informação na internet: avaliando o site do NUPILL/UFSC**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.4, n.2, p.67-87, jan./jun.2007. Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: 23 de novembro de 2007.

SILVA, Inara Souza. **Weblog como fonte de informação para jornalistas**. Dissertação. Brasília, 2006. Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: 08 de agosto de 2007.

SILVA, Fernanda Isis C. **Informação e Formação da Identidade Cultural: o acesso à informação na literatura de cordel**. Monografia. João Pessoa. Inf. & Soc., v.16, n.1, p.274-284, jan./jun. 2006. Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: 08 de agosto de 2007.

SOUSA, Maria Aparecida Silva e. **Arquivos educacionais: preservação do patrimônio e construção do conhecimento**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 26 de novembro de 2007.

TONETTI, Márcio. **Grandes nanicos**. Disponível em: <www.canaldaimprensa.com.br>. Acesso em 23 de novembro de 2007.

VERGÍLIO, Vivian. **Estilo emergente de entretenimento**. Disponível em: <www.canaldaimprensa.com.br>. Acesso em 23 de janeiro de 2007.